

ANTONIO MARIO DE FIGUEIREDO CAMPOS

TENENTE CORONEL DO CORPO DO ESTADO MAIOR

PROFESSOR DA ESCOLA DE GUERRA

3

H. 50917



RAPIDO BOISQUEJO DA GRANDE GUERRA

(1914 - 1918)

Nos CAMPOS DE BATALHA

Nas CHANCELARIAS

O NOSSO PAPEL



Lisboa  
1919



H. 917  
6

Rápido bosquejo da Grande Guerra (1914-1918)

Nos Campos de batalha

Nas chancelarias

O nosso papel



917  
ANTONIO MARIO DE FIGUEIREDO CAMPOS

Tenente Coronel do Corpo do Estado Maior  
Professor da Escola de Guerra

Rápido bosquejo da Grande Guerra (1914-1918)

Nos campos de batalha

Nas chancelarias

O nosso papel



68614

---

LISBOA

1919



*Separata do numero da REVISTA MILITAR  
Consagrado ás forças portugêsas  
que combateram em França e em Africa  
(1914-1918)*

QUANDO a Prússia com os seus aliados germânicos, futuros membros dêsse Império alemão, cujo primeiro Imperador foi coroado, como tal, na mesma residência magnificente que resumia em si todos os esplendores da velha monarquia franceza, esmagou a sua adversária, arrancando-lhe os territórios que o partido militar considerava o escudo do Império, logo na Europa se anteviu, como inevitável, a desforra, essa Revanche que foi a bandeira agitada por tantos anos e por tantas gerações na terra franceza.

A luta foi então um simples duelo; ninguem interveiu, e não é êste o momento de esmiuçar a causa dêsse facto.

Mas, poucos anos volvidos, a Alemanha um tanto surpreendida com a facilidade do embolso da esmagadora indemnização exigida á sua adversária, pensou em acabar de a sangrar, e já em 1875 uma nova guerra estêve iminente. Parece que a Rússia, que se conservára estranha ao duelo de 1870, vira o perigo da omnipotência germânica na Europa, e fizêra sentir ao seu visinho que desta vez desembainharia a espada em favor do agredido. O que é certo é que a viagem do Tzar a Berlim, então realizada, não deixou de exercer uma acção pacificadora.

Dêsse modo, Alexandre II teria sido, com o seu gesto, o verdadeiro fundador da Dupla Aliança.

Depois surgiu um ou outro incidente de fronteira, salientando-se o do agente Schnæbelé (abril de 1887), sem consequências de maior.

A Alemanha, porem, não renunciáva às suas aspirações, e assim foi que, sob o pretexto de manter a paz na Europa, se veiu a criar a Tríplice Aliança. Este organismo provocou a constituição da aliança franco-russa, ficando os dois sistemas, pelo menos ostensivamente, em frente um do outro sem novas adesões.

Mas a guerra russo-japonesa, tirando à Inglaterra daquêlê «esplendido isolamento» em que parecia comprazer-se a nossa velha aliada, determinou a curto trecho uma nova distribuição das grandes potências, suscitando a aparição da «entente cordiale», que a Gran-Bretanha festejou com a bela exposição franco-inglesa de 1908.

Os materiais da conflagração mundial iam-se acumulando e não era difficil prevêr que ela romperia à primeira faísca. Marrocos, a questão Balkânica, o caminho de ferro alemão da Mesopotamia, aí estâvam outros tantos pontos em ignição. No livro, no jornal, nas revistas políticas, como nas militares, já se não dissimuláva o perigo. A «futura guerra» discutia-se como um ponto absolutamente assente; só havia uma interrogação resumida nesta palavra: Quando?

A Alemanha preparáva-se. Burlára a tentativa pacifista da Haya, e quando a Inglaterra faláva, pela bôca de Asquith, num desarmamento naval mais ou menos extenso; e quando a França depois da longa crise de Dreyfus, e já nas vésperas da guerra, ainda se debatia na grave questão do serviço de dois anos, a Alemanha, com uma constância inflexível e uma confiança inabalável nos seus destinos, continuáva a preparar a maior máquina de guerra que registam os anais humanos.

O atentado de Sarayevo foi apenas a determinante próxima da guerra inevitável.

A Alemanha consideráva-se pronta, material e moralmente, pois que os seus publicistas civis ou militares tinham subme-



tido o espírito nacional a um verdadeiro *training* de guerra, fazendo do pangermanismo uma religião, do alemão um super-povo, um novo povo escolhido chamado a regenerar a decrépita e gasta Europa, a refundi-la nos moldes duma organização de que a Alemanha seria a alma mater. O profeta dêste novo Evangelho foi na literatura militar o célebre escritor von Bernhardi, verdadeiro criador do neo-militarismo metafísico e terrorista que inspirou a invasão de 1914.

A Grande Guerra ía finalmente iniciar-se. Já depois de realizada a invasão, Maximiliano Harden, especie de von Bernhardi civil e jornalístico, dizia com uma franqueza quási tocante, respondendo aos que mesmo no seu país procuravam alijar as responsabilidades da guerra, que a Alemanha assumia de coração alegre essas responsabilidades; que ela se sentia vigorosa, com o desejo de viver e engrandecer-se, e que o êxito a absolveria.

Por onde se fará a invasão da França?

A fronteira de Leste, obra maravilhosa do general Seré de Rivière, desafia todos os esforços do invasor, de Delle a Mézières; as barragens fortificadas Belfort-Épinal (cortina defensiva do Sul) e Toul-Verdun (cortina defensiva do Norte) são intransponíveis, e as brechas de Charmes ou do Moselle e a de Stenay ou das Ardennes não são convidativas.

O invasor virá por Nancy? Ou entrará pela Belgica? Preferindo êste caminho, aconselhado pelas razões militares e pelas razões políticas, seguirá pela margem direita do Meuse, como pretendia o general Bonnal, o general Maitrot e o tenente coronel Buat, entre outros? Ou virá pela margem esquerda, transpondo o rio próximo de Liège, para cair sôbre Paris por Charleroi, Mons e Valenciennes, como pressentiam o general André depois da sua viagem a Lille, em 1901, e o general belga Brialmont, para só nos referirmos a estes dois nomes ilustres?

O facto é que foi esta última hipótese a que se realizou, e já não com o 1.300.000 homens dos 22 corpos de exército,

previstos por Buat, mas com os 2.000:000 dos 34 corpos de exército que efectivaram a invasão.

O alemão contava com a invasão fulminante, sabia que o caminho da Belgica era o que sempre levára ao coração da França e não ignorava, decerto, que, por aquêle lado, a França se desprevenira algum tanto, desclassificando Lille que cobre a Flandres, abandonando a defesa do Escaut, e mantendo apenas Maubeuge, que fecha a porta do Sambre. Demais, a Belgica era naturalmente o país sonhado pela estratégia.

O plano alemão era tão simples como audacioso: o ataque em massa contra a França; defensiva expectante sobre a fronteira polaca, aguardando que o exército austríaco, demorado pela mobilização, pudesse avançar e conter os russos fora da Galícia; a França esmagada infalivelmente entre quatro a cinco semanas; entrada do Kaiser em Paris; marcha das tropas vitoriosas através da Alemanha delirante; invasão da Polónia; entrada triunfal em Varsovia.

A Europa rojar-se-ia aos pés do vencedor, que lhe ditaria a paz, sonhada pelos evangelizadores da *Kultur!*

O plano falú; a invasão fulminante, sua condição nodal, pulverizou-se contra a resistência belga, a combatividade francesa, e êsse «rétablissement prodigieux» segundo a expressão de Bonnal, movimento admirável pelo qual se fez frente ao choque alemão a oeste do Meuse.

A Belgica oferece-nos então êste espectáculo único: um estado minúsculo, numa época de egoísmo feroz e de baixo materialismo, levantando-se como um só homem, diante do colosso germânico, num irresistível impulso de heroísmo, jogando a sua existência nacional, sacrificando os seus interesses mais sagrados, deixando-se esmagar em Liège, onde Léman assume proporções de uma figura de lenda e de lição viva para todos os tempos.

A resistência dessa «pequenina França do Meuse», demorou quatorze dias a marcha da invasão, ou seja a irrupção

alemã na fronteira do Norte ou franco-belga, cabendo dez daquêles dias à defesa de Liège. E êstes dez dias salváram talvez a França.

E foi um pequeno país dilacerado por dissidências de raças entre Flamengos e Valões, embebido na sua grande actividade económica, embalado em pleno sonho pacifista, que realizou êste milagre, alçando no momento supremo as extraordinárias figuras de Alberto I, do cardeal Mercier, de Max e de Léman, dignos evocadores dos nomes gloriosos de Artevelde e de Egmont.

Os alemães pisam finalmente o sólo francês. O momento é decisivo e angustioso.

Numa formidável conversão da frente Bâle-Cologne em que tomáram parte 8 exércitos alemães, procurando realizar a manobra tradicional do alto comando alemão, a manobra — tipo de Cannas, Sadowa, Sedan, a ala direita alemã não consegue envolver o flanco esquerdo dos Aliados, que, não sem combate, retiram para o sul, para a retaguarda da linha defensiva do Marne. O general von Klück que comandava o exército alemão da direita, tendo atingido Chantilly (41 km. de Paris), e as suas patrulhas de cavalaria, Luzarches (30 km.), convertem-se para sudéste na direcção de Meaux, deixando Paris fora do seu movimento.

Paris não é senão um objectivo geográfico; a seu tempo reaparecerá. O objectivo nêste momento é o exército inimigo; é forçoso aniquilá-lo.

Tal é o problema. Foi assim que êle se apresentou ao espirito do estado maior alemão, a von Klück?

Em 5 de setembro, os tres primeiros exercitos alemães, I (von Klück), II (von Bülow), III (von Hausen), transpõem o Marne, de Meaux a Châlons.

Em frente destes exércitos, dispõem-se da esquerda para a direita os exércitos aliados seguintes: o 6.º, do general Maunoury, o exército do marechal French, o 5.º exército do general Franchet d'Esperey e o 9.º do general Foch, restringin-

do-nos às forças cuja acção principalmente temos a considerar neste momento.

A ofensiva alemã responde a ofensiva francesa, sendo o exército de von Klück atacado de frente pelo 5.º exército e o exército de French, e de flanco pelo 6.º exército de Maunoury. O nó da luta é o duelo entre Maunoury-French e von Klück. A superioridade da ala esquerda aliada afirma-se cada vez mais; a situação é critica para o inimigo: retirar ou ser esmagado, eis o dilema. Os alemães preferem o primeiro partido, rompem o combate a tempo, evitando a derrota decisiva, irremediavel, e, graças a esta decisão, podem ocupar uma posição fortificada à rectaguarda do Aisne.

A isto se chamou a batalha do Marne que, se se observa a sucessão dos acontecimentos, é a segunda fase ou estadio da unica e mesma manobra, a manobra estratégica envolvente, sendo a primeira a manobra do Meuse, em que os alemães obrigaram o adversário à «esplêndida retirada» do general Joffre.

Certamente na tecnologia militar não foi esta uma batalha decisiva, como Austerlitz, Iéna ou Waterloo; demos até de barato com os escritores alemães que não foi mesmo uma batalha, figurando os episodios do Marne a título de preludio da manobra do Aisne, denominada pela imprensa germanica *Die Schlacht vor Paris*.

O que é incontestavel é que, pelas suas incalculáveis consequências, foi um dos factos culminantes da grande guerra; é que representa o triunfo indubitável e imprevisito, para o adversário, das forças morais sobre as forças mecânicas; é que o velho espirito francês da época de S. Luiz, de Joanna d'Arc e da Revolução, reviveu nos grandes dias de 6 a 12 de setembro de 1914; é que, por último, a invasão foi quebrada mortalmente no seu impeto, e assim desfeito o sonho pangermanico.

Vem de molde fixar nestas páginas e neste lugar a ordem memoravel de Joffre (6 de setembro) digna de registrar-se ao lado das de Napoleão.

«No momento em que se empenha uma batalha de que depende a salvação da Patria, forçoso é recordar a todos que já não é tempo de olhar para traz; todos os esforços devem convergir para atacar e repelir o inimigo. Uma fôrça que já não pôde avançar deverá, custe o que custar, manter-se no terreno conquistado, preferindo morrer a recuar. Nas actuaes circumstancias não pôde admitir-se o minimo desfalecimento.»

O bastão de marechal foi a recompensa merecida com que a França galardoou o grande homem.

Canrobert e Mac-Mahon tinham sido os dois ultimos marechais de França. Chanzy, alguns anos depois da catastrophe de 1870, declinára a oferta do bastão, que, segundo êle, pertenceria de direito ao homem que conduzisse a França à desforra vitoriosa.

Estava certo: as profecias cumpriam-se. O heroi da primeira hora não deve eclipsar-se na fulguração que irradia do heroi da vitória final. Foch veio completar Joffre.

Paris falhou. É necessário mudar de objectivo. O Imperador solta a palavra: Calais! O que significa isto? Mais do que parece. Não se trata apenas de uma simples cidade sôbre o litoral da Mancha. Calais é a Inglaterra ameaçada; é o ninho do abutre; dali sarparão os submarinos; dali se lançarão os monstruosos Zeppelins. É o grande projecto de Hoche e Napoleão, o desembarque na Ilha inviolada. Pois não será a Inglaterra ainda o grande inimigo como o foi para o *Petit caporal*?

Os adversários estão frente a frente na linha do Aisne; os aliados procuram envolver a direita inimiga e os alemães tentam a mesma acción contra o adversário. Este *steeple-chase* determina a extensão das duas frentes de batalha, simultaneamente, no sentido do mar do Norte. Esta é que é a *course à la mer* dos escritores francêses.

Depois um novo e imponente exército alemão atravessa por seu turno a Belgica com o objectivo Calais; é este exército que vai esbarrar-se com a linha dos aliados nos plai-

nos da Flandres no duplo recontro do Iser e de Ipres, que constitue o quarto estadio do grande movimento alemão.

Com esta batalha pôz o exército alemão o fecho aos movimentos ofensivos no teatro de guerra ocidental em 1914.

Ia começar uma guerra nova—a guerra das trincheiras.

A grande ofensiva alemã de fevereiro de 1916, contra Verdun, pôde à primeira vista surgir-nos como um episódio não coordenado com o movimento geral da guerra. Mas os intuitos alemães tornar-se-hão claros, se voltarmos por algum tempo as nossas atenções para o que se passou em 1914 e em 1915 no teatro de guerra oriental. Com efeito, de meados de agosto a meados de setembro de 1914, a ofensiva russa no teatro de operações da Galicia, confiada aos II e III exércitos russos — exércitos Russky e Brussiloff e ao I exército — exército de Ivanoff, projecta respectivamente a massa austriaca sôbre os Carpatos e sôbre Cracovia.

Porem, na Prussia Oriental, Hindenburg comandante do exército de Leste, e o seu chefe de estado maior, Ludendorff, amestrados na admiravel lição da Campanha de França (1814) que, por seu turno, recorda as maravilhas da campanha de Italia, interpõe-se entre os exércitos de Niémen, do mando de Rennenkampf e o de Narew, do mando de Samsonoff, e bate-os separadamente. Daí, as brilhantes vitórias de Tannenberg e dos Lagos Masuricos.

Feito o balanço deste ano no teatro oriental, entrando em linha de conta com as investidas alemãs sobre a Polonia — a de fim de setembro — e depois a de novembro dirigida por Mackensen, com 12 corpos de exército, apura-se um deficit germanico, por isso que os russos se mantem na maior parte dos passos dos Carpatos.

Em 1915, os alemães avançam pela Russia Báltica até Vilna (18 de setembro), desistindo provisoriamente de Riga, cuja defeza paralisou os seus esforços; as investidas sobre a Polonia tinham conduzido Hindenburg triunfante a Varsovia (6 de agosto). Mas os russos por meio da habil retirada do Grão-

Duque Nicolau perante a grande ofensiva austro-alemã (2 de maio) de Mackensen, que atingira Lemberg a 22 de junho, conseguem salvar o seu exército.

O esmagamento trágico da Servia, que assinala o final deste ano, e o isolamento da Rússia, que os Aliados não conseguem evitar, são resultados que, juntos aos anteriores, constituem uma vitória dos Imperios Centrais, mas vitória tão longe de decisiva, que põe a Alemanha na necessidade de tentar um novo e grande esforço na frente ocidental.

A ofensiva sobre Verdun foi a consequência deste estado de cousas, destas grandes mas quasi inúteis vitórias do Oriente, onde à extensão das terras conquistadas não correspondeu uma destruição paralela das forças inimigas. Esta razão junta à riqueza mineira da bacia de Briey e á necessidade de quebrar um saliente poligonal, donde podia partir uma ofensiva dos Aliados, parecia justificar a nova tentativa.

O Kronprinz procuraria por este lado abrir brecha na frente francesa e recomeçar a marcha de agosto de 1914 sobre Paris.

O momento era bem escolhido. Era necessario bater o exército francês antes que os russos se reconstituissem das suas derrotas, e antes que os ingleses atingissem a plenitude do seu desenvolvimento.

O resultado, porem, não respondeu às previsões germanicas.

A 4 de Junho de 1916, os russos, já refeitos, iniciam a estupenda ofensiva de Brussiloff, numa frente de 350 km. desde os pantanos do Pripet à fronteira romena; abrem duas enormes clareiras nas linhas austriacas, e põem 600:000 homens fora de combate.

Emquanto isto se passava no oriente, no ocidente as forças franco-británicas rompem a ofensiva do Somme, que, iniciada a 1 de julho de 1916, pôz termo à ofensiva alemã de Verdun, obriga ao recuo a ala ocidental da frente inimiga do Aisne, e prepara o inicio da retirada alemã no começo de março de 1917.

Ao malogro da ofensiva sobre Verdun tinham os alemães que contrapor uma vitória que levantasse o moral da nação. Esse resultado procurou-se atingi-lo pela brilhante e rápida campanha da Romenia, em que tanto avultou o papel da cavalaria.

As hesitações dos Aliados em operar sobre a Bulgaria e Turquia (pois com Sofia era arrastada Constantinopla) pela cooperação dos russos-romenos com os francos-ingleses de Salonica, deixaram ainda desta vez isolada a Romenia, como, no fim do ano anterior, tinham abandonado a Servia.

O alto comando alemão planeou essa ofensiva «fresca e alegre», de que falava Hindenburg, e cuja execução perfeita, como sobre um mapa, foi confiada a Mackensen e Falkenhayn.

A 5 de dezembro os germanos-bulgaros entravam em Bucarest e, a 12, eram lançadas pela Alemanha as primeiras propostas de paz.

Alguem observou que o governo alemão fez sempre as suas propostas de paz acto contínuo ao que reputava as suas grandes vitórias.

Foi no meio deste acontecimento que se encerrou o ano de 1916 com um resultado que, de momento, pelo menos, era favoravel aos Impérios Centrais.

O ano de 1917 abre na primavera com tres acontecimentos sensacionais: a revolução russa; o recuo alemão do Somme e do Oise e a entrada dos Estados-Unidos na guerra.

A revolução russa nascida de erros longamente acumulados e que motivaram uma primeira explosão em 1905, atinge o seu paroxismo sob a pressão da Guerra Mundial, em 11 de março de 1917. A Dumã insurge-se contra o adiamento, une-se como um blóco e, com a adesão do exército e do operariado, provoca a abdicação do Tzar quatro dias depois.

Foi então que se pôde medir a profundeza dos estragos latentes, que, de ha muito, minavam o imperio moscovita.

A côrte estava sob a influencia alemã e apesar da lealdade do Tzar, as ofensivas russas detinham-se, como por encanto,



no momento mais propício aos interesses alemães. O movimento dos *soviets*, dirigido por Lenine e Trostzky, talvez agentes da Alemanha, pulverizou pela indisciplina o exército russo, que expediu os seus últimos lampejos nas ofensivas da Galícia, iniciadas a 1 de julho, sob o mando sucessivo de Brussiloff e de Korniloff. Como beligerante o Russo desaparece desde este momento.

Os alemães, em setembro e outubro, varrem a frente russa sem encontrar resistencia, ocupando Riga e a Livonia, fornecendo-lhes aquêle porto uma base naval e politica que lhes permitia falar ainda mais de alto aos revolucionarios russos.

A entrada dos Americanos tem um alto significado moral: é a condenação da Alemanha que êles pronunciam, e a solidariedade das nações americanas que se define. E é tambem a certeza, agora iniludível, do triunfo definitivo.

Se os três anos anteriores se tinham assinalado pelo Marne, Verdun e Somme, o ano de 1917 inicia a rotura do vasto sistema defensivo, que Hindenburg organizára sobre o sólo francês. Este sistema, apoiado sobre os dois pilares de Lille e Metz, compunha-se de uma grande linha com os flancos naquêles dois campos entrincheirados, e que é a linha de Hindenburg (Wotan-Siegfried-Alberic) atrás da qual se estendiam uma segunda linha, a linha Hunding e uma terceira, a linha Lille-Metz, e, finalmente, uma quarta que viria a ser a linha Valenciennes-Givet.

Pela ordem indicada, estas linhas representavam um encurtamento progressivo da frente de batalha, e obedeciam, não à «concepção genial», tão preconizada, de Hindenburg, mas à vantagem de manter a defensiva fora do território alemão, e à dura necessidade a que obrigava a crescente e relativa exiguidade dos efectivos.

A extensão da rotura realizada de abril a novembro pode avaliar-se pela profundidade da penetração, balizada pelos seguintes pontos; a oeste do Oise-Vimy, Monchy-le-Preux, Messines, Cambrai; a leste do Oise-Craonne, o forte de Malmai-

son, a margem direita do Ailette, os plainos de Laon, e, no sector de Verdun, as obras mais avançadas dêste campo entrincheirado.

Infelizmente, estas vantagens não compensaram êstes dois graves desastres: a deserção russa, agora irremediável, e a grande ofensiva austro-alemã na Italia, de 23 de outubro, que levou de roldão adiante de si o exército italiano até à linha do Piave, confinando-o entre o Monte Grappa e o mar, e que teve a vantagem de, provocando o auxílio franco-inglês de 120:000 homens que transpuzeram os Alpes, fundir numa só frente, pela primeira vez, os três exercitos do ocidente, de Nieuport a Veneza, preludiando de facto a resolução do Conselho inter-aliado de Versailles que levou ao comando único.

Não terminaremos esta vista retrospectiva do ano de 1917 sem acentuar que as nossas tropas receberam o seu batismo de fogo no troço do 1.º sector da frente ocidental, compreendido entre Armentières e La Bassée, confirmando mais uma vez a sua tradicional bravura, e inspirando a homenagem do marechal Douglas Haig ao feito de Neuve Chapelle (15 de setembro), em que repeliram galhardamente um *raid* alemão — para não nos alongarmos na menção de outros feitos igualmente dignos de registo.

A 21 de março de 1918, os alemães tentam um supremo esforço, o último. E' a batalha do Kaiser, ou a batalha de França.

Não há tempo a perder; os alemães procuram antecipar-se ao concurso efectivo dos norte-americanos.

Uma irrupção violentíssima, com meios técnicos aperfeiçoados, executada numa frente de 60 km., contra a linha Bapaume — Péronne — Saint-Quentin — Tergnier, consegue levar de vencida a ala direita inglesa, primeiro, para o sul do Somme, e, depois, na direcção de Montdidier.

Em poucos dias os alemães reconquistaram todo o terreno abandonado, havia um ano, por Hindenburg. A brecha era

enorme e o perigo tal (o caminho de Paris aberto), que o marechal Douglas Haig, em lance tão trágico, recorre a Pétain sem perda de tempo.

O comando francês velava atento e palpitante: fez transportar o Oise a algumas divisões levadas em *camions*, além duma divisão de cavalaria. A intervenção foi tão rápida, que a artilharia francesa teve de empenhar-se quasi sem o apoio da infantaria, que ia sendo despejada sobre as alturas ao norte de Noyon, ao alcance da infantaria adversa. Foi a célebre jornada de 22 de março.

A batalha prossegue. O inimigo não consegue apoderar-se de Amiens, nem de Arras; o exército inglês forceja por se manter e procura operar com os franceses uma soldadura tão perfeita quanto possível.

Os fins do inimigo pareciam claros: separar franceses e ingleses; lançar estes sobre uma estreita orla marítima, onde se imobilizassem; cair sobre Paris por Amiens avançando sobre o Marne, e, impedir a manobra de 1914, por meio de colunas que descessem até ao norte daquela capital, interceptando-lhe as saídas.

Paraphraseando Victor Hugo, que sintetizou o plano napoleónico de Waterloo, dizendo que o pensamento do grande homem era lançar o inglês ao mar e o alemão ao Reno, pode dizer-se que Hindenburg projectava lançar o inglês ao mar e o francês ao Loire.

O duelo encarna-se: dum lado Foch, já comandante em chefe dos exércitos aliados—enfim!—com os seus assessores Pétain e Douglas Haig; do outro lado Hindenburg, Ludendorff e os Kronprinz da Prussia e da Baviera.

A unidade de comando, finalmente realizada em 27 de março de 1918, ía decidir, a pouco trecho, do êxito da Grande Guerra, e conduzir ininterruptamente para a vitória final.

Não nos devemos antecipar aos julgamentos da história numa prematura apreciação ácerca da direcção da guerra nos povos aliados, antes do estabelecimento da unidade de comando,

realizada, dum modo efectivo, neste momento supremo. Lembraremos apenas que o «particularismo» foi, até então, a característica fatal da política militar dos Aliados. Cada uma das potências aliadas fazia «a sua guerra», sem se preocupar com o que faziam as demais. Os resultados são bem conhecidos, como evidência a derrota da Servia, que ninguém sequer tentou defender, porque, como disse Lloyd George, «ninguém estava especialmente encarregado de tal defesa».

E, só depois de tremendas lições, é que, por fim, se começou a compreender a necessidade de coordenar «os esforços spasmodicos», em que se esgotára, até então, a energia das grandes potências, e de lhes imprimir a indispensável unidade de direcção.

As ofensivas sucedem-se: a primeira, em que a percussão incide sobre Saint-Quentin, campo de batalha clássico, e à qual se segue a investida alemã de 9 de abril, na região de Armentières (canal La Bassée—canal Ipres-Comines), com a defesa heroica da pequena aldeia de La Couture, pelos nossos intrépidos soldados de infantaria 13 e 15; a segunda, a de 27 de maio, caíndo entre Soissons e Reims, seguida do ataque alemão de 9 de junho; a terceira, a de 15 de junho, a última sobre o Marne, que, pela segunda vez, devía ser o calcanhar de Aquilles da omnipotência germânica.

Foch, ao passo que detinha em toda a parte os progressos do inimigo, tratava de reagrupar as suas forças, reconstituir as reservas, consolidar sucessivamente e adequadamente a sua frente, dando-lhe a potência ofensiva necessária para retomar a iniciativa das operações, e impôr até ao fim a sua vontade ao adversário. Em lugar de romper o combate, como fizera Hindenburg no ano anterior, sustentou a luta, opondo constantemente ao adversário forças suficientes, e preparando em segredo, à retaguarda desta cobertura actuante, as grandes linhas da ofensiva geral que devia coroar a guerra.

As ofensivas iniciadas a 18 de julho, e que levaram os Aliados a Soissons, na direcção de Fère-en-Tardenois, e para

além de Château-Thierry, obrigaram os alemães a uma retirada precipitada, com o abandono do seu material de guerra, e este facto contribuiria, por uma repercussão fatal, para a capitulação da Bulgária, seguida da dos Impérios Centrais, e do armistício de 11 de novembro.

Era a agonia do pangermanismo que começava.

A Grande Guerra estava finda; vinha balizar um novo estado na história da humanidade.

Com efeito, servindo-nos das próprias palavras de Poincaré, ela distingue-se de todas as anteriores pelo número das nações beligerantes; pela importância dos efectivos empenhados; pelo gigantesco dos meios postos em acção; pela duração das batalhas; pela cifra prodigiosa das perdas humanas; pela extensão das destruições e a imensidade das ruínas acumuladas; e, finalmente, pela transcendência dos objectivos e dos ideais pelos quais se lutou.

Numa entrevista concedida por Foch a um redactor do *Matin*, o marechal condensava em poucas palavras o segredo da vitória:

A sciencia estratégica não é a condição unica do exito, mesmo quando deixa de ser um corpo seco de doutrinas, para ser alguma cousa que se incorpora no espirito do comando, conservando neste a liberdade indispensavel na applicação dos principios às eventualidades. Mas, acima de toda a sciencia estratégica, está a vontade de vencer, essa vontade que se exprime numa só palavra: a fé. E essa o marechal confessa nunca a ter perdido. É mesmo o unico merito que reivindica para si: tudo o mais se deve ao soldado francês.

Numa conferencia célebre, o general Balfourier quasi disse a mesma cousa, quando afirmou que a Escola de Guerra e o soldado foram os que conduziram a França à vitória, e que Foch não fez mais do que aplicar no campo os principios que transmitiu aos seus discipulos.

Como já dissemos, Foch completou brilhantemente a tarefa iniciada por Joffre. Era justo que a mesma alta recom-

pensa nacional o assinalasse à consideração dos seus concidadãos e do mundo civilizado.

O marechalato estava naturalmente indicado como prêmio condigno. E foi o que a nação francesa pelo seu governo muito bem compreendeu, conferindo-lhe a suprema distinção militar pelo decreto de 6 de agosto de 1918.

\*

\* \*

Com o armistício tomaram corpo gradualmente os lineamentos de uma Europa futura, tendo em conta, quanto possível, ao factor histórico, ao geográfico, ao étnico e ao moral, entendendo-se por este último o já estabelecido de há muito no princípio do consenso das populações.

Estas ideias que, por assim dizer, já flutuavam na atmosfera política da Europa, assumiram uma forma concreta, graças aos quatorze pontos do programa de Wilson lançado à publicidade no discurso, hoje histórico, de 8 de janeiro de 1918. Destes pontos, quatro, principalmente, se referem à remodelação política da Europa e são os 10.º, 11.º, 12.º e 13.º.

Pelo 10.º se provê à autonomia dos povos que há séculos viviam sob o scetno dos Habsburgos: é a decomposição formal do velho império Austro-Hungaro.

Pelo 11.º se lançam os fundamentos de uma Grande Servia, abrindo sobre o Adriático, e se procura garantir a independencia economica e politica dos Estados Balkanicos.

Pelo 12.º se estatue sobre a Turquia e as condições do seu novo regime, bem como sobre as das nacionalidades que com ella ligaram, em maior ou menor grau, os seus destinos; não esquecendo naturalmente o velho problema da internacionalização dos Estreitos. Já a respeito deste ponto se aventou ulteriormente a ideia da neutralização de Constantinopla, e a de uma divisão parcial da Turquia Asiática e constituição da Republica da Armenia.

O 13.º preceitua a restauração da Polónia, que abrangerá os territórios «incontestavelmente» polacos, com o acesso para o Báltico.

Esta restauração da velha Polónia envolve um problema de maior vastidão e do qual a Conferencia se tem occupado largamente, e continuará decerto a occupar-se.

Queremo-nos referir à decomposição do império dos Tzares, conseqüência inevitavel da fermentação revolucionaria com os seus instintos de particularismo, agora desencadeados francamente.

Pensa-se na constituição de uma cintura occidental, que seria composta da Finlândia, País Báltico (Livonia, Estonia e Curlândia— as duas primeiras com importantes elementos finicos e todas tres fortemente germanizadas), Lituania (Kovno, Vilna e Grodno), Russia Branca (Minsk, Vitebsk e Mohilev, arrancadas pela Russia à Polónia nas duas primeiras partilhas e reunindo condições para uma autonomia apenas administrativa), e, finalmente, a Ukraina (Galicja Oriental, Podolia, Volhynia e Kiew sobre a margem direita do Dnieper e Tchernigov, Poltava, Ekaterinoŝlav, Kharkov sobre a margem esquerda).

Esta ultima nacionalidade estava já indicada pela ethnologia como pela história. O ruteno, malo-russo, ou russinio constitue no mundo slavo um tipo sui-generis: bastante alto, amorenado, cabeça redonda, olhos pardos e cabelo muitas vezes escuro. É talvez o tipo proto-slavo. Fala uma lingua fortemente impregnada de elementos polacos. Possui um *folk-lore* muito original, e produziu no século XIX uma literatura caracteristica, já consideravel. Pela sua imaginação e talentos artisticos contrapõe-se naturalmente ao Grande Russo ou Moscovita, de intelligencia mais apta para os negócios.

Este Grande Russo é o elemento sobre que imperou o velho Tzarismo anterior a Pedro o Grande, o Tzarismo de Ivan o Terrivel, e sobre o qual hoje se exerce a tirania pouco branda de Lenine e dos maximistas. São 50.000.000 de ho-

mens que o célebre agitador promete emancipar do "preconceito" da propriedade individual.

Esta cintura das cinco autonomias, impregnada de germanismo no Baltico e de latinismo na Polonia, e, por meio desta, na Ukraina, isolaria do resto da Europa o mundo russo propriamente dito, como este se deslindaria do mundo asiatico por uma cintura oriental de nacionalidades, que só entraram na civilização no encaicho do moscovita.

Retrocedamos, para prosseguir na nossa exposiçao, ao 10.º ponto do programa wilsoniano.

É com efeito do imbroglio austro-hungaro que vamos tratar de nos desvencilhar com a possivel clareza.

A 18 de outubro de 1918, isto é, nas vespervas da catastrophe, o imperador Carlos de Austria, numa suprema tentativa para salvar o trono que ameaçava desmonorar-se, lança o famoso diploma pelo qual se procurava satisfazer as ambições separatistas, que de ha muito agitavam os elementos heterogeneos do Império.

Por esse diploma o Imperador convertia a velha monarchia dualista numa confederaçao de Estados: Estado germanico (Austria alemã com as orlas germanicas da Boemia e da Silesia); Estado Tcheco constituido pela Boemia e Moravia (a Tcheco-Slovaquia); Estado Ukrainio (Ukraina e Galicia Oriental); Hungria; Estado Ilirico (Dalmacia, Carniola, países sul-slavos). Emquanto à Polonia, iria a parte austriaca unir-se à parte prussiana e russa, para reconstituir aquele antigo Estado. A questao romena e a da Bosnia — Herzegovina ficariam suspensas até o fim da guerra.

A Austria alemã logo manifestou as suas tendencias para uma completa secessao, e neste movimento centrifugo a acompanhou o elemento sul-slavo e o tcheco.

O processo de decomposiçao parece ter-se definido quer nas chancelarias, quer na imprensa ou nos meios interessados. Assim a Tcheco-Slovaquia leva geitos de constituir-se com a Boemia, a Moravia, a Slovaquia (designaçao de caracter an-



tropo-geografico) e parte da Silesia. Tal é a opinião do Dr. Sindler de Praga, segundo a qual aquele agrupamento forma uma indubitavel unidade politico-geografica. Contudo a Sileria não ha muito que se manifestou, em peso, pela sua união ao estado Polaco, como se vê das declarações feitas em Paris por Joseph Londzin, presidente da delegação silesiana.

O novo Estado servirá naturalmente de laço económico entre os polacos e os sul-slavos.

A Hungria despojada da sua parte transdanubiana pela Tcheco-Slovaquia, que se estenderia até à margem esquerda do grande rio, cederá a Transilvania (que ocupa a concavidade do arco Carpatico) à Romenia, à qual tambem se incorporará a Bukovina (da corôa de Austria), abandonando à Sul-Slavia (Yugo-Slavia) a sua parte slava, isto é a Croacia e a Esclavonia, que juntamente com a Carniola, a Bosnia, a Herzegovina, a Servia e o Montenegro deverão constituir a futura Grande Servia, dando agora sôbre o Adriático, do Isonzo à embocadura do Boyana (fronteira norte da Albania), com excepção de Zara, da ilha de Cherso e de uma estreita orla costeira, de Trieste a Pola, na península da Istria, ocupados pelos italianos.

A Slovenia (nome étno-geográfico que designa as populações slavas da Carintia, da Carniola, da Styria e da Istria) fica assim dividida entre a Austria alemã e a Grande Servia, separadas pelo Drave, cabendo à Servia a parte oriental da Istria.

Quanto à Dalmacia, o ilustre Gabriel de Annunzio julga interpretar o sentimento nacional — não satisfeito ainda com o Trentino Austriaco e Trieste —, quando afirma, na sua linguagem de fogo, que aquela região será italiana e que está disposto «a dar a vida por cada pedra dessa provincia latina», considerando possivel a guerra, pois «toda a Italia está disposta a pegar em armas para a reivindicar», declarando mesmo estar «já pronto com a sua esquadrilha de aeroplanos para essa eventualidade».

Como se vê, o autor do Triunfo da Morte põe o seu sub-

jectivismo de italiano e de poeta acima do objectivismo científico dos professores C. Wallis (*The peoples of Austria*, in *The Geographical Review*, julho de 1918) e J. Cvijic, de Belgrado, que demonstram ser a Dalmacia serbo-croata, sob todos os pontos de vista.

Emquanto dêste modo se levanta o edificio da Grande Servia não falta quem aceite a possibilidade, num futuro mais ou menos remoto, de uma união política serbo-bulgara, pois os bulgaros são um ramo turco-finico slavizado, constituindo-se dêste modo um vasto Império Balkanico com acesso sobre os três mares: Negro, Egeu e Adriático.

Registemos ainda que o problema da Macedonia, com a sua indomita população slava, continua a erguer-se como um pomo de discordia entre gregos, bulgaros e servios.

Digamos duas palavras sôbre a Polonia. Um excessivo nacionalismo, explicavel num povo que tanto sofreu, levou os polacos a reivindicações que se não julgaram aceitaveis e que iam de encontro ao 13.º ponto do programa wilsoniano. A Polonia reconstituída só poderá, segundo êste programa, estender-se sôbre regiões de população incontestavelmente polacas. A Polonia de 1634 que compreendia o ducado da Curlandia, o da Lituania, a bacia do Alto Pripet e ainda a Podolia, não oferecia possibilidades de se reconstituir. A que precedeu imediatamente a primeira partilha (1772) e mesmo a que precedeu a terceira (1795) foram ainda julgadas excessivas, considerando-se que se estenderiam sôbre populações não incontestavelmente polacas. Tudo leva a crêr que a Polonia da futura Europa se alastrará sôbre a terra alemã que vae do Warta ao Niemen, terra que compreende as Prussias Oriental (Kœnigsberg) e Ocidental (Dantzic) e a Posnania, ficando o novo estado circundado pela Pomerania, o Brandeburgo, a Tcheco-Slovaquia, a Ukraina, a Russia Branca e a Lituania.

Um problema que pode ressurgir, no momento em que a carta politica da Europa vai ser remodelada, é o do Schleswig-Holstein, arrancado à Dinamarca pela campanha de 1864.

Diz-se que a Dinamarca pedira à Alemanha a reintegração do Schleswig-Holstein sôbre a base dum plebiscito. É, evidentemente, uma questão pendente, e que se liga com o regime futuro do canal de Kiel. Uma comunicação recente fez saber que o resultado daquele plebiscito já era conhecido quanto ao Schleswig, cuja incorporação na Dinamarca seria um ponto assente.

Vejamos agora, para terminar êste breve relance de olhos sôbre a Europa futura, os dois problemas da organização interna da Alemanha e da constituição da fronteira rhenana.

Não falta quem julgue que a Alemanha se constituirá numa nova federação em que entrariam, evidentemente, a Baviera, a Saxonia, o Wurtemberg com Bade, e três novos Estados que resultariam da decomposição da Prussia. Estes três Estados seriam o de Brandeburgo-Pomerania, o do Hanover-Baixo Elba e o da Westphalia. Está claro que abstrairmos aqui da questão, aliás fundamental, da incorporação ou não incorporação da Austria alemã à nova Alemanha.

Quanto à margem esquerda do Reno parece não ser duvidoso que se desintegrará completamente da Alemanha.

Efectivamente, pensa-se na organização de um novo Estado Rhenano que compreenderá Treves, Mainz, Koblenz e Köln.

Com a restituição da Alsacia-Lorenã, a França voltará a ocupar sôbre o Reno o posto de vedeta da civilização latina, como a Romenia sôbre o Danubio, outra fronteira da Latinidade, para nos apropriarmos da brilhante expressão de que se serviu o sr. Poincaré, ao saudar a gentilissima rainha Maria da Romenia na sessão da Sorbonne, em que foram comemorados os homens de letras franceses que morreram pela Patria.

\*

\*

\*

Tendo a Grande Guerra rebentado ao romper do mez de agosto de 1914, logo a 7 desse mesmo mez o Governo da

Republica Portuguesa declarou, perante o parlamento, que, em presença daquele facto, Portugal se manteria fiel às obrigações que o ligavam à sua velha aliada, a Gran-Bretanha. Esta declaração não era uma declaração de neutralidade e envolvia implicitamente a possibilidade da intervenção armada.

Nos princípios de 1916 surgia o *casus belli* que foi a requisição, por nós feita, dos navios alemães que se tinham recolhido aos portos portugueses, e de que as nossas autoridades marítimas se apoderaram, por inventario, para regular ulteriormente as indemnizações devidas aos proprietários alemães.

A Alemanha protestou, e o ministro Rosen, então acreditado em Lisboa, apresentou ao nosso govêrno a declaração de guerra de 9 de março de 1916.

Já antes, porém, desta declaração de guerra, as relações entre Portugal e a Alemanha eram de hostilidade armada. Com efeito, a Alemanha atacára-nos em 24 de agosto de 1914, o posto de Maziua, na Africa Oriental, e, em 19 de outubro do mesmo ano, Naulila, na fronteira de Angola, e, em 30 do mesmo mês e ano, o forte do Cuangar e os pequenos postos de Sâmbio, Bunja e Dirico.

Em 23 de novembro de 1914 o Govêrno Português apresentou-se ao Congresso da Republica para lhe lêr a proposta segundo a qual o mesmo Govêrno seria «autorizado a intervir militarmente na actual luta armada internacional, quando e como julguê necessário aos nossos altos interesses e deveres de nação livre e aliada da Inglaterra».

A 18 de dezembro deu-se o sangrento recontro de Naulila que, apesar de ter determinado a nossa retirada, não constituiu para o adversário uma vitória decisiva, pois por aquele lado não tornámos a ser inquietados até ao fim da guerra, limitando-se depois a nossa acção a uma simples intervenção repressiva da insurreição dos Cuanhamas, fomentada pelos alemães.

A 7 de agosto de 1916 reuniu de novo o Congresso da Republica (como já reunira em 10 de março para dar conhe-

cimento da nota da declaração de guerra entregue no dia anterior pelo ministro Rosen), a fim de lhe ser presente o resultado da missão portuguesa a Londres, lendo-se então o honroso convite que, a 15 de julho, nos fizera o Govêrno Britânico para uma maior cooperação militar ao lado dos Aliados na Europa. Nessa mesma sessão o Presidente do Senado apresentou uma moção, pela qual se mantinham ao Poder Executivo as faculdades já anteriormente concedidas para efectivar a nossa cooperação.

Declarada a guerra, foi naturalmente intensificada a nossa preparação militar.

Em agosto de 1916 chegavam a Lisboa as missões militares inglesa e francesa para assentar connosco na melhor forma de levarmos a cabo a nossa colaboração.

Um primeiro contingente, com o efectivo de uma brigada (a 1.<sup>a</sup>), tendo sido mandado seguir para França desembarcava em Brest nos primeiros dias de fevereiro de 1917, seguindo-se-lhe as restantes tropas da Divisão que recebera em Tancos uma instrução complementar.

No principio de março de 1917, novas diligencias diplomaticas foram entabuladas no sentido de se elevar a nossa representação militar até um Corpo de exército de 2 divisões, com um Corpo de 10 baterias de artilharia pesada, constituindo 2 grupos.

Organizado êsse Corpo com o efectivo de 54:976 homens (segundo os quadros de mobilização), foram mandados sucessivamente para a Linha ocidental, juntamente com as tropas inglesas, os elementos da 1.<sup>a</sup> Divisão, a partir da primeira quinzena de abril, sendo-lhe confiados os sectores de Ferme du Bois, Neuve Chapelle e Fauquissart, em 16 de junho de 1917.

Entretanto, tendo chegado a França novos contingentes portugueses, as tropas da 2.<sup>a</sup> divisão íntensificavam a sua instrução e, a 5 de novembro de 1917, o Corpo Português (C. E. P.), com as suas duas divisões na Linha, assumia a responsabilidade da defesa dos sectores de Ferme du Bois, Neuve

Chapelle, Chapigny, Fauquissart e Fleurbaix, numa extensão aproximada de 18 km.

Se, por um lado, assim cooperávamos com as forças inglesas, por outro lado constituíamos um Corpo de artilharia pesada independente (C. A. P. I.) que colaboraria com o exército francês.

Pouco mais de um século antes as nossas tropas tinham acompanhado as tropas inglesas, sob o mando de Wellington, a essa terra francesa, que iam novamente pisar, agora como amigos, e, de ambas as vezes, como soldados intrepidos, que tinham de honrar uma tradição secular de heroismo.

A Flandres francesa, numa das datas mais célebres da história militar da França (a da batalha de Bouvines em 1214), pudera já presenciar a valentia portuguesa num dos nossos mais brilhantes soldados, esse Infante D. Fernando, Conde de Flandres, cujo heroismo mereceu ao historiador Le Glay as seguintes palavras: «Dois cavalos lhe morrem durante o combate. Coberto de feridas, escoá-se em sangue. Os cavaleiros Flamengos que ainda sobrevivem, tentam arranca-lo dali, mas é debalde.

O Conde defende-se desesperadamente; a terra está juncada de corpos prostrados sob o seu montante. O sangue jorra-lhe das feridas, e os joelhos dobram-se-lhe.

Contudo, a sua boa lâmina não lhe tomba das mãos; tenta ainda brandi-la. Por fim os olhos turvam-se-lhe, já exausto de forças, e conhecendo que vai perder os sentidos, entrega-a a um cavaleiro chamado Hugo de Maroil».

É nêstes plainos—o recanto do mundo mais embebido de sangue humano—que, varado pelas balas alemãs, tomba o primeiro soldado português, em 3 de abril de 1917.

Até ao *raid* de 9 de março de 1918 efectuado pelas nossas tropas, sob o comando do intrepido capitão Ribeiro de Carvalho, à frente dos soldados de infantaria 21, muitos outros *raids* puzeram à prova os nossos homens, que se distinguiram repelindo um grande número dêles e realizando outros.

Chegámos ao ponto culminante da acção portugüesa. Queremo-nos referir ao ataque (poderíamos chamar-lhe surpresa) de 9 de abril de 1918, um dos lances mais terríveis da nossa história militar. É a batalha de Armentières, dos escritores ingleses, ou a de La Lys, dos técnicos alemães, designação esta que veiu a prevalecer.

Más condições de terreno, sôbre o qual comandava a posição alemã de Aubers; a redução dos nossos efectivos, que esgotára os soldados numa faina sobrehumana; a acção de um nevoeiro intenso, mais especialmente favoravel ao atacante, permitindo a infiltração de destacamentos alemães entre os nossos sub-sectores; a violencia inaudita de um bombardeamento que nos cortou as comunicações, e impossibilitou o reabastecimento da nossa artilharia; uma superioridade numerica esmagadora (da nossa parte, 3 brigadas da 2.<sup>a</sup> Divisão, apoiadas pela 3.<sup>a</sup> da 1.<sup>a</sup> — do lado do inimigo, — as 7 divisões de von Quast); e, finalmente, a circunstância, que não deve esquecer-se, de que o ataque incidiu sôbre nós precisamente quando íamos ser rendidos por tropas britannicas e íamos acantonar na região de Desvres, para onde já tinha seguido a nossa 1.<sup>a</sup> Divisão; eis aí um conjunto de circunstâncias desfavoraveis no mais alto grau, e a que só pudemos fazer frente por um desenvolvimento de energias, que tanto ingleses como franceses memoraram com o louvor merecido.

No livro de oiro do heroísmo portugüês, ficará eternamente registada a defesa de La Couture, em que os nossos soldados de infantaria 13, sob o impulso eléctrizante do capitão Bento Roma, se mantiveram até à última, até às 13 horas do dia 10 de abril, completamente exaustas as munições; a admirável acção da nossa artilharia, que combateu até esgotar o derradeiro projectil, conservando-se agarrada ao sólo que defendia, chegando na sua extrema esquerda ao corpo a corpo com o inimigo, emquanto, por um nobre espírito de sacrificio e de solidariedade, protegia denodadamente as tropas de infantaria.



Depois desta memorável acção, organizaram-se com as nossas tropas 3 brigadas de infantaria, que se incorporaram nos corpos de exército ingleses, integrando-se na Reserva de exército, e dois grupos de baterias de artilharia (4.º e 3.º G. B. A.), igualmente enquadrados em unidades inglesas.

Com os ingleses entrámos em Lille e com êles atingimos o Escalda, a 10 de novembro de 1918, precisamente na véspera do dia em que chegávam as primeiras novas do armistício.

Emquanto assim nos batíamos na Europa, respondendo briosamente às obrigações de uma aliança secular e ao honroso convite da nossa tradicional aliada, na Africa Oriental o esforço português manteve as tradições gloriosas dos nossos melhores dias.

As tropas portuguesas expedicionárias operaram contra um inimigo (forçoso é reconhecê-lo) de uma tenacidade e perícia admiráveis.

Na manhã de 10 de abril de 1916, tomávamos Kionga; a 27 de maio procurámos transpôr o Rovuma com o auxílio da nossa valente marinha de guerra, o que só nos foi possível realizar, mais tarde, em 19 de setembro, obrigando os alemães a abandonar os entrincheiramentos da margem esquerda daquêlê rio; a 26 de outubro caía em nosso poder o fortim de Newala.

Ocupada Newala, a coluna do major Leopoldo da Silva, avançou na direcção de Massassi até Kiwambo. A 8 de novembro deu-se uma das mais belas acções de que pode orgulhar-se a nossa tão rica história das campanhas coloniais.

O heroico major Leopoldo da Silva, rodeado da sua Alados Namorados — a flôr dos seus officiais, esses rapazes imberbes que tanto se tinham já assinalado —, fez alí prodígios de valôr, municinando pelas suas próprias mãos as metralhadoras, sob o granizo das balas inimigas.

Os seus jovens companheiros acham que êle se expõe demasiadamente. Não se enganavam: o major Silva, a pouco trecho, caía varado mortalmente.



Depois disto, o centro de gravidade da resistência alemã deslocou-se para o sul, sôbre a nossa provincia de Moçambique. A fôrça das circunstâncias obrigou-nos, portanto, a aguentar a principal impulsão, aliviando na mesma proporção o esforço dos nossos Aliados.

No decurso do ano de 1918, foram os alemães obrigados a transpôr de novo o Rovuma para o norte, invadindo a Rhodesia, onde se internáram até 50 milhas, rendendo-se ao funcionário civil inglês, Mr. H. C. Croad, em 14 de novembro, e, formalmente, às tropas britânicas, em Abercorn, em 25 do mesmo mês.

Não omitiremos a circunstância curiosa de que os alemães tiveram conhecimento do armistício, antes de qualquer dos seus adversários que allí operáram.

O esforço português nas duas Africas, durante a Grande Guerra, representado num efectivo global de 35:000 europeus e 20:000 indígenas, chegára finalmente a bom termo.

Eis, em traços largos, o que se nos ofereceu dizer sôbre o considerável acontecimento, que perturbou tão profundamente o mundo durante mais de quatro anos, e no qual, apesar de pequenos, nos coube um papel não insignificante, correndo a uma das maiores lutas da História, com um espírito de sacrificio e de civismo que não desdiz do nosso passado.

Lisboa, abril de 1919.

---

